

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Filosofia
Política,
Educação,
Direito e
Sociedade 3

Atena
Editora
Ano 2019



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Filosofia, Política, Educação, Direito e
Sociedade 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F488 Filosofia, política, educação, direito e sociedade 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Filosofia, Política, Educação, Direito e Sociedade; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-096-4

DOI 10.22533/at.ed.964190402

1. Ciências sociais. 2. Direito. 3. Educação. 4. Filosofia. 5. Política.
6. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 300.5

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O presente livro tem como principal objetivo o estudo da educação como direito fundamental, sobretudo do direito de acesso aos níveis mais elevados da educação. Ressalta-se que a justificativa para esse enfoque se dá em razão do destaque sobre o direito à educação, notadamente no que tange aos preceitos traçados pela Constituição da República de 1988. Essa abordagem contribui para uma análise crítica sobre a efetividade das normas constitucionais que dispõe sobre o acesso ao ensino superior e para a elaboração de propostas de intervenções futuras, que visem à melhoria da educação no país. Para isso, foram analisados alguns aspectos sobre a educação no Brasil. Adotou-se o tema Filosofia Política, Educação, Direito e Sociedade, por ser um assunto de discussão recente e de grande contribuição para o universo acadêmico. O direito à educação é um tema que sempre mereceu destaque e, atualmente, encontra-se dentre as temáticas mais polêmicas e indiscutivelmente prioritárias devido aos vários programas que surgem no Estado relacionados à acessibilidade do ensino. Esse direito surge com vistas à qualificação do indivíduo para se tornar um cidadão capaz de se determinar por sua própria convicção e, no Brasil, o direito à educação passa por diversos ordenamentos, sendo ampliado e mais visado com a promulgação da Constituição da República de 1988. A CR/88 dispõe que é dever do Estado e também da família assegurar a educação e, dentre os preceitos constitucionais, determina a competência comum dos entes federativos para a regulamentação desse direito. Com efeito, o direito à educação, descrito como direito social no art. 6º da CR/88, é também considerado um direito fundamental e, como tal, são necessárias medidas que assegurem a sua realização e efetividade. Para o cumprimento da obrigação imposta, o Estado vem usando programas que conferem condições aos indivíduos de ingressarem nas escolas e universidades. São diversas ações que promovem não só a educação, mas também outras necessidades básicas que dão suporte, tais como a saúde e a renda familiar. Mesmo assim, ainda é espantoso o número de indivíduos analfabetos e crianças que não estão nas escolas, alarmando a situação do país, que assim busca uma solução por A EDUCAÇÃO COMO DIREITO FUNDAMENTAL.

Não sei quantas almas tenho. Cada momento mudei. Continuamente me estranho. Nunca me vi nem acabei.

De tanto ser, só tenho alma. Quem tem alma não tem calma. Quem vê é só o que vê, Quem sente não é quem é, Atento ao que sou e vejo, Torno-me eles e não eu.

Cada meu sonho ou desejo É do que nasce e não meu. Sou minha própria paisagem; Assisto à minha passagem, Diverso, móbil e só, Não sei sentir-me onde estou.

Por isso, alheio, vou lendo Como páginas, meu ser. O que segue não prevendo, O que passou a esquecer. Noto à margem do que li O que julguei que senti. Releio e digo: “Fui eu?” Deus sabe, porque o escreveu. Fernando Pessoa – Não sei quantas almas tenho.

No artigo **a COMUNICAÇÃO EDUCATIVA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: UMA NECESSIDADE EMERGENTE NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO**, os autores Maria Inez Pereira de Alcântara, Joaquim José Jacinto Escola, Alexandre dos Santos Oliveira, buscaram apresentar o resultado parcial de uma investigação realizada com finalistas do Curso de Pedagogia, de 05 (cinco) instituições de formação inicial de professores, sendo 02 (duas) instituições públicas e 03 (três) particulares. No artigo **CONCEPÇÕES DAS CRIANÇAS SOBRE HEMOFILIA, DIREITOS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O TRABALHO DA EDUCAÇÃO SOCIAL EM SAÚDE**, os autores Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula, Verônica Regina Muller, Marcos Antonio dos Santos, Lucas Tagliari da Silva . A proposta deste trabalho foi investigar quais os conhecimentos que crianças que frequentam o Hemocentro Regional de Maringá possuem sobre Hemofilia, sobre os direitos das crianças e como elas concebem que esses assuntos precisam ser trabalhados com os professores e alunos. No artigo **Concepções sobre a Escolha e Idealização Profissional dos Graduandos no Curso de Pedagogia: qual o papel da Didática no currículo?** As autoras Aline Daiane Nunes Mascarenhas, Priscila Santos Amorim, Adriana Santos de Jesus, buscaram compreender como ocorreu a escolha pelo curso de Licenciatura em Pedagogia, diante de um cenário não muito atraente, bem como, de buscar compreender como a Didática pode contribuir nesta identificação. No artigo **CONSTRUINDO MAQUETES PARA O ENSINO DO CONCEITO DE PROPORCIONALIDADE: RELATO E REFLEXÕES**, as autoras Carolina Bruski Gonçalves, Neila Carolina Marchiori, o objetivo inicial da atividade foi possibilitar aos educandos a percepção da presença da Matemática em seu contexto social. No artigo **CONTOS DE FADAS EM LIBRAS NA ESCOLA: DESFAZENDO MITOS, MINIMIZANDO BARREIRAS**, as autoras Adriana Moreira de Souza Corrêa, Natália dos Santos Almeida, discorre que mesmo com a base legal, ainda encontramos dificuldades para implementar esta proposta nas escolas brasileiras devido a vários fatores, os quais agrupamos em: precarização da formação/informação do professor e dos demais integrantes da comunidade escolar, a ausência de programas de suporte ao aprendizado deste grupo e à falta de participação de pessoas com deficiência na elaboração de ações formativas da escola. No artigo **CRIANÇAS DO NOSSO TEMPO: MUDANÇAS SOCIAIS, NOVAS PERSPECTIVAS GERACIONAIS NO MUNICÍPIO DE PARINTINS-AM** os autores **Mateus de Souza Duarte, Kilsimara Nascimento Ribeiro, Raimunda Nonata Yoshii Santarém de Souza, Ângela Maria Rodrigues de Figueiredo** Buscam investigar a criança em sua prática cotidiana na percepção dos adultos com os quais convivem, ou seja, o que os adultos pensam sobre esse grupo geracional, sobre a infância, a cultura infantil e as relações de alteridade e autoridade com os adultos. No artigo **CRISE AMBIENTAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: POSTULADOS DE ENRIQUE LEFF**, os autores Janaína Soares Schorr, Marcele Scapin Rogerio, Daniel Rubens Cenci procuram estudar a importância da educação ambiental como contribuição ao desenvolvimento sustentável, a partir da

análise das obras do Professor Enrique Leff, Doutor em Economia do Desenvolvimento, e um dos maiores defensores do diálogo entre os saberes como forma de resolver os problemas ambientais, construindo uma racionalidade ambiental para suplantar a crise ambiental resultante da racionalidade econômica e promotora da destruição do Planeta. No artigo **DA EXPERIÊNCIA DA ESCOLA PROJETO ÂNCORA: APRENDIZAGEM E PRÁTICA PEDAGÓGICA**, os autores, Patricia Martins Gonçalves, Gilberto Aparecido Damiano, trata-se de uma pesquisa em Educação, um estudo de caso com abordagem fenomenológica, na Escola Projeto Âncora, cidade de Cotia, São Paulo/Brasil. No artigo **DA NOVA SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO AO SOCIAL REALISMO: UMA TRAJETÓRIA DO CAMPO EDUCACIONAL**, o autor: Isaías Pascoal procura entender as grandes perspectivas educacionais que tomaram conta do campo educacional, desde o surgimento da “Nova sociologia da educação”, nos anos 70, até culminar no “Construtivismo social”, que penetrou o meio educacional em geral, notadamente em países como o Brasil. No artigo **DESIGN VISUAL: UM OLHAR DIFERENCIADO NO PAPEL DA IMAGEM NO LIVRO DIDÁTICO**, a autora Denise Jorgens, objetivo deste trabalho é explorar os elementos visuais do Livro Didático como produtores de sentido e de que forma estes podem proporcionar aos alunos outras formas de leitura, além do texto verbal ou da análise de imagem proposta pelo autor do livro. No artigo **DIREITOS DOS ANIMAIS: A INTERVENÇÃO DO HOMEM** a autora Isadora Ramos Klein, buscar entender o processo ao longo da história da criação das leis de defesa aos animais e de como eram e são tratados até os dias de hoje pelo homem. Passando por pensamentos de diferentes filósofos, teremos uma análise mais clara e ampla da evolução de tal processo. No artigo **EL USO DE LOS PORTAFOLIOS COMO ESPACIO PARA EL DIÁLOGO Y EL TRABAJO COLABORATIVO MEDIANTE LA SOLIDARIDAD ENTRE PARES**, os autores Daniel Fabián Roca Flores Pinto, Maria José Batista Pinto Flores, buscam verificar o impacto do uso do portfólio do estudante como estratégia inovadora para o ensino da disciplina de administração, utilizada pelos dezoito alunos do quarto período do curso profissional de engenharia de sistemas em uma universidade peruana. Os alunos foram organizados em quatro grupos para trabalhar na construção de seus portfólios. No artigo **ENSINO APRENDIZAGEM DE FUNÇÃO ATRAVÉS DA METODOLOGIA DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS E REPRESENTAÇÕES MÚLTIPLAS**, o autor Jefferson Dagmar Pessoa Brandão, busca analisar as dificuldades e possibilidades da metodologia de ensino aprendizagem de Matemática através da resolução de problemas aliada ao trabalho com as representações múltiplas para a formação do conceito de função, em sala de aula. No artigo **ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA EM UM CONTEXTO INTERDISCIPLINAR**, os autores Daniel Luciano Gevehr, Darlã de Alves busca Analisar o ensino da cultura afro-brasileira e africana no contexto escolar, a partir de uma perspectiva interdisciplinar. Iniciamos o estudo, a partir de um levantamento que procurou reunir publicações nacionais sobre o tema da cultura afro-brasileira e africana. **ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL: DA DITADURA**

AOS DIAS ATUAIS – UMA BREVE DISCUSSÃO, os autores Francisco Felipe de Aguiar Pinheiro e Maria Terla Silva Carneiro dos Santos, a pesquisa busca analisar o ensino de História na educação básica brasileira. Tendo em vista que nesse contexto a formação dos professores foi comprometida com a criação dos cursos de Licenciaturas Curtas e discutir os efeitos das diretrizes oficiais para o ensino de História nesse período, destacando os avanços e permanências presentes nessas propostas e evidenciando o lugar ocupado pela História escolar nos dias atuais. Para tal, utilizamos como documentos basilares a LDB n. 5.692/71 e os Parâmetros Curriculares Nacionais, No artigo o **ENSINO TÉCNICO DE ENFERMAGEM: O USO DO PORTFÓLIO COMO FERRAMENTA FACILITADORA**, os autores July Grassiely de Oliveira Branco, Antonio Dean Barbosa Marques, Rochelle da Costa Cavalcante, Maria Cecilia Cavalcante Barreira, Francisca Bertilia Chaves Costa busca relatar as experiências vivenciadas enquanto docente orientadora de estágio do curso técnico de enfermagem, na tentativa de refletir acerca do processo de ensino e aprendizagem. Trata-se de um estudo crítico-reflexivo, do tipo relato de experiência. No artigo, **ENSINO-APRENDIZAGEM DE FÍSICA NO ENSINO SUPERIOR: UM PROCESSO INTEGRADO AO ENSINO DE MATEMÁTICA ATRAVÉS DA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS**, os autores, Manoel dos Santos Costa, Elsom José Gomes Santos, Alessandra Sampaio Couto, Norma Suely Gomes Allevato, analisar algumas possibilidades de integração entre o ensino de Física e o de Matemática, pois há uma relação muito próxima entre essas duas áreas do ensino. No artigo **ENTRE REALIDADE E FAZ DE CONTA: MANIFESTOS DA AUTONOMIA E AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**, os autores Emily Maise Feitosa Aragão e Tacyana Karla Gomes Ramos, buscam analisar as relações sociais entre crianças, abordando os fenômenos da afetividade e brincadeiras, em meio às práticas cotidianas da Educação Infantil. Os preceitos metodológicos são inspirados na etnografia, que apresenta e traduz a prática da observação participante, da descrição e da análise das dinâmicas interativas (ANDRÉ, 2003). No artigo **ESCOLARIZAÇÃO NO ÂMBITO FAMILIAR: ERRO OU SOLUÇÃO**, os autores Pedro Trindade Petersen, Andréia Cenedeze, Daniela Ignácio, Cassiano Berta da Silva, Vanessa Steigleder Neubauer, Carlise Maria Zambra, os autores procuram procura mostrar os pontos negativos e positivos sobre educação domiciliar, evidenciando, detalhadamente, cada ponto, de modo a mostrar a visão do aluno e dos professores nesta nova didática estudantil. No artigo **Estratégias de Aprendizagem Realizadas por Alunos do Curso de Graduação em Educação Física a Distância da Universidade de Brasília** os autores, André Ribeiro da Silva, Jônatas de França Barros, Robson de Souza Lobato, Jitone Leônidas Soares, Sílvia Emanoella Silva Martins de Souza, Guilherme Lins de Magalhães, buscam investigar as estratégias e hábitos de aprendizagem de graduandos em educação física a distância em uma universidade do Brasil. Foram convidados 115 alunos, de diversos polos presenciais da Universidade Aberta do Brasil (UAB/UnB), atualmente institucionalizada pela Universidade de Brasília. Os instrumentos de pesquisa foram baseados nos modelos

MAIS e *IMPACT*. No artigo **EUGENIA E HIGIENISMOS: INSTITUIÇÕES DE ENSINO NAS PÁGINAS DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO NOS PRIMEIROS ANOS DO SÉCULO XX**, os autores, Levson Tiago Pereira Gomes da Silva e Adlene Arantes, buscam analisar que influências físicas e ideológicas presentes nas instituições escolares, nos primeiros anos do século XX, destes agentes higienistas. No artigo **FIM DA ESCOLA, A MORTE DO EDUCADOR E O CONTEMPORÂNEO NA EDUCAÇÃO**, os autores Gabriel Torelly Fraga Corrêa da Cunha e Guilherme Schröder, tratam do fim da escola, da morte do educador e do contemporâneo na educação. Ao invés de tratar o tema de modo analítico ou explicativo, se coloca como um exercício de escrita crítico-criativo que atualiza os termos do problema ao mesmo tempo em que produz reflexividade. No artigo **FINANÇAS COMPORTAMENTAIS NO MERCADO FINANCEIRO BRASILEIRO**, Mirian Sousa Moreira, Ana Clara Ramos, Daiane do Rosário Martins da Silva, Ana Paula Pinheiro Zago, Carla Mendonça de Souza, Sulamita da Silva Lucas, Liliane Guimarães Rabelo, Rafael Silva Couto, buscam analisar a produção científica sobre efeito manada no mercado financeiro, na área de Finanças Comportamentais, por meio de uma pesquisa bibliométrica na base de dados Portal periódicos CAPES, no período de 2006 a 2016.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
COMUNICAÇÃO EDUCATIVA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: UMA NECESSIDADE EMERGENTE NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO.	
Maria Inez Pereira de Alcântara Joaquim José Jacinto Escola Alexandre dos Santos Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.9641904021	
CAPÍTULO 2	9
CONCEPÇÕES DAS CRIANÇAS SOBRE HEMOFILIA, DIREITOS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O TRABALHO DA EDUCAÇÃO SOCIAL EM SAÚDE	
Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula Verônica Regina Muller Marcos Antonio dos Santos Lucas Tagliari da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9641904022	
CAPÍTULO 3	18
CONCEPÇÕES SOBRE A ESCOLHA E IDEALIZAÇÃO PROFISSIONAL DOS GRADUANDOS NO CURSO DE PEDAGOGIA: QUAL O PAPEL DA DIDÁTICA NO CURRÍCULO?	
Aline Daiane Nunes Mascarenhas Priscila Santos Amorim Adriana Santos de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.9641904023	
CAPÍTULO 4	23
CONSTRUINDO MAQUETES PARA O ENSINO DO CONCEITO DE PROPORCIONALIDADE: RELATO E REFLEXÕES	
Carolina Bruski Gonçalves Neila Carolina Marchiori	
DOI 10.22533/at.ed.9641904024	
CAPÍTULO 5	28
CONTOS DE FADAS EM LIBRAS NA ESCOLA: DESFAZENDO MITOS, MINIMIZANDO BARREIRAS	
Adriana Moreira de Souza Corrêa Natália dos Santos Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.9641904025	
CAPÍTULO 6	41
CRIANÇAS DO NOSSO TEMPO: MUDANÇAS SOCIAIS, NOVAS PERSPECTIVAS GERACIONAIS NO MUNICÍPIO DE PARINTINS-AM	
Mateus de Souza Duarte Kilsimara Nascimento Ribeiro Raimunda Nonata Yoshii Santarém de Souza Ângela Maria Rodrigues de Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.9641904026	

CAPÍTULO 7	55
CRISE AMBIENTAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: POSTULADOS DE ENRIQUE LEFF Janaína Soares Schorr Marcele Scapin Rogerio Daniel Rubens Cenci DOI 10.22533/at.ed.9641904027	
CAPÍTULO 8	71
DA EXPERIÊNCIA DA ESCOLA PROJETO ÂNCORA: APRENDIZAGEM E PRÁTICA PEDAGÓGICA Patricia Martins Gonçalves Gilberto Aparecido Damiano DOI 10.22533/at.ed.9641904028	
CAPÍTULO 9	84
DA NOVA SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO AO SOCIAL REALISMO: UMA TRAJETÓRIA DO CAMPO EDUCACIONAL Isaías Pascoal DOI 10.22533/at.ed.9641904029	
CAPÍTULO 10	97
DESIGN VISUAL: UM OLHAR DIFERENCIADO NO PAPEL DA IMAGEM NO LIVRO DIDÁTICO Denise Jorgens DOI 10.22533/at.ed.96419040210	
CAPÍTULO 11	105
EL USO DE LOS PORTAFOLIOS COMO ESPACIO PARA EL DIÁLOGO Y EL TRABAJO COLABORATIVO MEDIANTE LA SOLIDARIDAD ENTRE PARES Daniel Fabián Roca Flores Pinto. Maria José Batista Pinto Flores. DOI 10.22533/at.ed.96419040211	
CAPÍTULO 12	112
ENSINO APRENDIZAGEM DE FUNÇÃO ATRAVÉS DA METODOLOGIA DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS E REPRESENTAÇÕES MÚLTIPLAS Jefferson Dagmar Pessoa Brandão DOI 10.22533/at.ed.96419040212	
CAPÍTULO 13	123
ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA EM UM CONTEXTO INTERDISCIPLINAR Daniel Luciano Gevehr Darlã de Alves DOI 10.22533/at.ed.96419040213	
CAPÍTULO 14	139
ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL: DA DITADURA AOS DIAS ATUAIS – UMA BREVE DISCUSSÃO Francisco Felipe de Aguiar Pinheiro Maria Terla Silva Carneiro dos Santos DOI 10.22533/at.ed.96419040214	

CAPÍTULO 15 149

ENSINO-APRENDIZAGEM DE FÍSICA NO ENSINO SUPERIOR: UM PROCESSO INTEGRADO AO ENSINO DE MATEMÁTICA ATRAVÉS DA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS

Manoel dos Santos Costa
Elsom José Gomes Santos
Alessandra Sampaio Couto
Norma Suely Gomes Allevato

DOI 10.22533/at.ed.96419040215

CAPÍTULO 16 155

ENTRE REALIDADE E FAZ DE CONTA: MANIFESTOS DA AUTONOMIA E AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Emily Maise Feitosa Aragão
Tacyana Karla Gomes Ramos

DOI 10.22533/at.ed.96419040216

CAPÍTULO 17 163

ESCOLARIZAÇÃO NO ÂMBITO FAMILIAR: ERRO OU SOLUÇÃO

Pedro Trindade Petersen
Andréia Cenedeze
Daniela Ignácio
Cassiano Berta da Silva
Vanessa Steigleder Neubauer
Carlise Maria Zambra

DOI 10.22533/at.ed.96419040217

CAPÍTULO 18 172

ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM REALIZADAS POR ALUNOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA A DISTÂNCIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

André Ribeiro da Silva
Jônatas de França Barros
Robson de Souza Lobato
Jitone Leônidas Soares
Sílvia Emanoella Silva Martins de Souza
Guilherme Lins de Magalhães

DOI 10.22533/at.ed.96419040218

CAPÍTULO 19 179

EUGENIA E HIGIENISMOS: INSTITUIÇÕES DE ENSINO NAS PÁGINAS DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO NOS PRIMEIROS ANOS DO SÉCULO XX

Levson Tiago Pereira Gomes da Silva
Adlene Arantes

DOI 10.22533/at.ed.96419040219

CAPÍTULO 20 191

FIM DA ESCOLA, A MORTE DO EDUCADOR E O CONTEMPORÂNEO NA EDUCAÇÃO

Gabriel Torelly Fraga Corrêa da Cunha
Guilherme Schröder

DOI 10.22533/at.ed.96419040220

CAPÍTULO 21 200

FINANÇAS COMPORTAMENTAIS NO MERCADO FINANCEIRO BRASILEIRO

Mirian Sousa Moreira

Ana Clara Ramos
Daiane do Rosário Martins da Silva
Ana Paula Pinheiro Zago
Carla Mendonça de Souza
Sulamita da Silva Lucas
Liliane Guimarães Rabelo
Rafael Silva Couto

DOI 10.22533/at.ed.96419040221

SOBRE A ORGANIZADORA..... 211

CONTOS DE FADAS EM LIBRAS NA ESCOLA: DESFAZENDO MITOS, MINIMIZANDO BARREIRAS

Adriana Moreira de Souza Corrêa

Universidade Federal de Campina Grande,
Unidade Acadêmica de Letras
Cajazeiras-PB

Natália dos Santos Almeida

Universidade Federal do Ceará, Departamento de
Letras Libras e Estudos Surdos
Fortaleza - CE

RESUMO: A legislação educacional brasileira e diferentes autores apontam para a inserção de práticas inclusivas no cotidiano escolar. Rosita Carvalho discorre que mesmo com a base legal, ainda encontramos dificuldades para implementar esta proposta nas escolas brasileiras devido a vários fatores, os quais agrupamos em: precarização da formação/informação do professor e dos demais integrantes da comunidade escolar, a ausência de programas de suporte ao aprendizado deste grupo e à falta de participação de pessoas com deficiência na elaboração de ações formativas da escola. Diante desta realidade buscamos na Literatura Infantil em Libras, elementos que funcionassem como suporte às discussões sobre os obstáculos vivenciados pelos surdos, contribuindo com a quebra de barreiras atitudinais entre alunos surdos e ouvintes, bem como destes com os seus docentes, a fim de favorecer o aprendizado da Libras e da

Língua Portuguesa em classes inclusivas com surdos. A pesquisa foi realizada através de um levantamento bibliográfico no qual identificamos os benefícios do trabalho com essa Literatura, utilizando-se de versões de contos de fada impressos e/ou em vídeos disponíveis no *site* de compartilhamento de vídeos: o *YouTube*. Identificamos que estes contos favorecem o uso de diferentes suportes nos quais o texto pode ser disponibilizado, auxiliam na ampliação do repertório cultural da criança surda, permitem que a criança ouvinte tenha acesso às versões das histórias sendo recontadas na perspectiva dos personagens surdos e possibilitam a ampliação das habilidades comunicativas em Libras, pelos ouvintes, e em Língua Portuguesa, pelos surdos.

PALAVRAS-CHAVE: Histórias Infantis. Libras. Língua Portuguesa. Inclusão.

ABSTRACT: Brazilian educational legislation and different authors point to the insertion of inclusive practices in school daily life. Rosita Carvalho argues that even on a legal basis, we still consider difficult to implement this proposal in Brazilian schools due to several factors, which we group in: precarious training / teacher and school community information, the absence of support to the learning of this group and the lack of participation of people with disabilities in the elaboration of formative

actions of the school. Facing this reality, we sought in Children's Literature in Brazilian sign language, elements that functioned as a support to the discussions about the obstacles experienced by the Deaf, contributing to the breaking of attitudinal barriers between deaf and hearing students, as well as with their teachers, in order to favor the learning of Brazilian Sign language and the Portuguese language in inclusive classes with the Deaf. The research was carried out through a bibliographic survey in which we identified the benefits of working with this Literature, using versions of printed fairy tales and / or videos available on the video sharing site: YouTube. We have identified that the stories favor the use of different supports in which the text can be made available, help in expanding the cultural repertoire of the deaf child, allow the listener child to have access to versions of stories being retold from the perspective of the deaf characters and make possible the amplification of the communicative abilities in Brazilian sign language, by both listeners, and in Portuguese, by the Deaf.

KEYWORDS: Children's Stories. Brazilian Sign language. Portuguese language. Inclusion.

INTRODUÇÃO

A legislação educacional aponta para a predominância de práticas inclusivas no cotidiano escolar. Vemos esta indicação na Lei nº 9.394/1996, na Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), no Plano Nacional de Educação – PNE (2014 - 2024) que se refere à Lei nº 13.005/2014 e outros documentos, bem como está presente em pesquisas como a de Carvalho (2014) que trata sobre os limites e possibilidades da educação inclusiva.

De acordo com a pesquisadora, este conjunto de leis não é suficiente para superar as dificuldades de implementação da proposta inclusiva nas escolas brasileiras devido a vários fatores os quais agrupamos em três situações: precarização da formação/informação do professores e demais integrantes da comunidade escolar, a ausência de programas de suporte ao aprendizado e a falta de participação de pessoas com deficiência na elaboração de ações formativas da escola.

Diante desta realidade, procuramos compreender qual a contribuição do trabalho com a Literatura Infantil para a minimização de barreiras comunicacionais e atitudinais na escola. Desta forma, elencamos as histórias produzidas em Libras (contendo forte marca da cultura surda) ou os contos de amplo conhecimento da sociedade ouvinte e que foram traduzidas para a Libras como ferramentas que corroborassem como suporte às discussões sobre as dificuldades encontradas pela pessoa surda, nas práticas do cotidiano e que, durante as discussões favorecessem a quebra das barreiras atitudinais, visando a ampliação da comunicação dos estudantes surdos e ouvintes (por meio da Libras) bem como destes com os seus docentes.

A pesquisa foi realizada através de um levantamento bibliográfico no qual identificamos os benefícios do trabalho com a Literatura, selecionamos os textos que

promovem as discussões relacionadas com a surdez e a sua diferença linguística utilizando-se, para isso, de versões de contos de fada impressos e/ou em vídeos disponíveis no *site* de compartilhamento de vídeos, o *YouTube.com*.

O trabalho está dividido em três capítulos: princípios da educação inclusiva; inclusão e a pessoa com surdez e literatura em Libras como recurso de ressignificação de práticas sociais e pedagógicas, conforme discorreremos a seguir.

PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A Educação Especial, na perspectiva inclusiva, é uma modalidade da educação que perpassa todos os níveis e etapas da educação básica. Esta prática é destacada na atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, lei nº 9.394/96, ao destinar um capítulo para tratar da temática. No inciso I do Art. 59, essa lei garante que a escola deve se organizar considerando “currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades” (BRASIL, 1996, p. 21). Contudo, ao pensarmos nas necessidades dos alunos com deficiência, nos remetemos aos princípios e fins da educação, abordados no Art 3º, da mesma lei, do qual destacamos os incisos I, IV e IX que versam sobre a “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”; “respeito à liberdade e apreço a tolerância” e “garantia de padrão de qualidade” respectivamente.

Ao considerar a igualdade de acesso e permanência, pensamos no quadro de profissionais envolvidos, na organização da escola, no financiamento das ações promovidas pela instituição para que se torne um espaço de aprendizado de saberes que permitam a vinculação não só ao mundo do trabalho mas, principalmente, às práticas sociais.

Maria Amélia Santoro Franco, prefaciando o livro “Da relação com o saber às práticas educativas” de Bernard Charlot (2014) denuncia que as escolas precisam modificar a sua cultura e a prática desenvolvida nas instituições a fim de superar a burocracia, a retenção e a evasão que são produtores da exclusão social. Para isso, a autora evoca o esforço coletivo e constante da escola composta por gestores, educadores, docentes, funcionários, responsáveis pelos estudantes e os próprios alunos, como também das instituições representativas de classe, representantes do povo nas instâncias públicas e outros grupos sociais organizados, com o intuito de vencer o grande desafio da escola nos dias atuais. Este desafio constitui-se em promover a educação das crianças e dos jovens de modo a favorecer o desenvolvimento das habilidades sociais, culturais, científicas e de uso da tecnologia para que estes discentes obtenham conhecimentos que os possibilitem interagir no mundo contemporâneo. Com isso, observamos que os alunos com deficiência podem ser excluídos da escola, quando não são ofertadas vagas ou é negada a matrícula, como também este processo pode ocorrer no interior da própria escola, quando a eles

é negada ou negligenciada a formação para a inserção social e para a cidadania.

Carvalho (2014) destaca que são excluídos todos aqueles que são privados dos nossos espaços, do mercado de trabalho, dos nossos valores e da representação estigmatizante. A autora informa ainda que as formas de exclusão nem sempre são visíveis. Ao contrário do comportamento de separação física e de evitação, a representação simbólica também atua como um fator que impede a plena participação da pessoa com deficiência na escola.

Desta forma, observamos que barreiras atitudinais são um dos desafios a serem vencidos na escola que se propõe a atender à diversidade. O Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146), no Art. 3º, inciso IV define as barreiras atitudinais como “atitudes ou comportamentos que impeçam ou prejudiquem a participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas” (BRASIL, 2015). Notamos que estas barreiras influenciam tanto no acesso quanto na permanência da pessoa com deficiência na escola, quanto ferem o princípio expresso no Art. 3º, no inciso IV da LDB que trata da tolerância. Neste trabalho, não consideramos a tolerância como um termo sinônimo de condescendência, indulgência ou complacência, que nos remeteriam a sentimentos de menos-valia atribuídos à pessoa com deficiência. Utilizaremos o termo no sentido de flexibilização, solidariedade e promoção da equidade.

Diante disso, o respeito à diferença dos alunos e a necessidade de individualização do ensino são apresentadas por Charlot (2014) como atividades que devem balizar as ações da escola contemporânea. O autor complementa a sua afirmação ao destacar que o espaço educacional não deve apenas respeitar as diferenças, mas registrá-las, a fim de buscar alternativas para que o aluno tenha garantido o direito à participação e ao aprendizado. O estudioso, na referida obra, não versa diretamente da pessoa com deficiência, mas demonstra a atenção à educação de todas as pessoas ao citar que a educação deve atender a sensibilidade universalista e o respeito à homodiversidade (termo relacionado pelo autor à biodiversidade, sendo que o último termo trata da diversidade de formas de vida, o primeiro nos remete às diferentes representações da existência humana).

Carvalho (2014) corrobora com o autor ao apresentar estudos sobre a dinâmica em sala de aula bem como as suas contribuições para o processo educacional e para a criação de laços de cooperação. Para a estudiosa “uma escola inclusiva vai além do ‘eu’ e do ‘nós’ objetivando o ‘todos nós’” (CARVALHO, 2014, p. 34). A pesquisadora destaca ainda, que a escola precisa ser prazerosa, adaptando-se às necessidades de cada aluno, promovendo a integração dos aprendizes entre si, com a cultura e demais objetos de conhecimento, oferecendo o ensino-aprendizagem de boa qualidade para todos, com todos e para toda a vida (CARVALHO, 2014, p. 35).

Nesta última afirmação, vemos a união dos princípios da permanência (ressaltado no Art. 3º, inciso I da LDB), ao destacar que a escola precisa fornecer condições de participação e aprendizado (permanência do aluno) e que deve haver uma integração

entre os educandos (tolerância). É enfatizado também que o ensino precisa primar pelo padrão de qualidade.

Sobre a qualidade da educação, Charlot (2014, p. 55) discorre que “a educabilidade de todos os seres humanos deveria ser o princípio básico do professor: qualquer ser humano vale mais do que fez e do que parece ser”. Desta maneira, observamos que, para promover a educação de qualidade para as pessoas com deficiência, o professor precisa acreditar nas potencialidades destes indivíduos, educando com equidade, ou seja, respeitando as diferenças individuais, sem que as dificuldades sejam vistas como empecilho à aprendizagem (CARVALHO, 2014). Em relação à inserção, a socialização, o aprendizado e a qualidade da mediação, a pesquisadora destaca que:

Hodiernamente pretende-se resgatar a escola de qualidade como um espaço dos escritos, isto é, de apropriação e de construção do conhecimento e da cultura. Estas concepções não nos autorizam a pensar em uma escola centrada em si mesma, como ilha e distante dos interesses do aluno. A escola deve ser também espaço de alegria, onde os alunos possam conviver, desenvolvendo sentimentos sadios em relação ao “outro”, a si mesmos e em relação ao conhecimento (CARVALHO, 2014, p. 32).

Deste modo, precisamos buscar práticas que favoreçam a compreensão da individualidade humana ensinando as pessoas a respeitarem as singularidades apresentadas por cada um que frequenta a escola, garantindo o acesso, a permanência, a tolerância e a qualidade da educação.

INCLUSÃO E A PESSOA COM SURDEZ

Muitas pessoas ainda acreditam que os surdos se diferem dos ouvintes, apenas pelo fato de terem a acuidade auditiva diminuída, todavia, o Decreto nº 5.626/2005, que regulamenta a Lei da Libras assegura que, além de apresentar comprometimento na capacidade auditiva, a pessoa surda se caracteriza por compreender e interagir com o mundo, prioritariamente, de forma visual e por utilizar a Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Goldfeld (2002, p. 21), ao tratar desta língua destaca que: “[...] em relação à qualidade comunicativa e a constituição do pensamento, as mãos (e todo o esquema corporal) podem executar com perfeição o mesmo papel que o sistema fonador, por meio das línguas de sinais”. Conseqüentemente, observamos que esta língua deve ser utilizada na educação de surdos, seja na classe/escola especial ou na inclusiva.

Moura (2014) salienta a relevância da escola buscar inserir atividades que favoreçam o uso da Língua de Sinais, independente da proposta educacional pois, caso o aluno não seja filho de surdos usuários da Libras, a tarefa de ensino deste sistema linguístico ficará a cargo da instituição educacional. A autora adverte que, neste processo de aquisição da linguagem, é importante que o estudante seja exposto à língua em diferentes contextos, através de suportes diversos, com estilos, formas e

objetivos diferentes para ampliar o repertório linguístico e social. A estudiosa assevera que:

É pela linguagem que o indivíduo estabelece sua identidade e se configura como único nas suas particularidades. É pela linguagem que ele pode compreender o mundo à sua volta e estabelecer relações de causa-efeito, detemporalidade, de espaço, etc. (sic) para construir seu próprio universo e poder estar no mundo com os outros que o representarão a partir do que eles percebem dele. E a partir do que eles percebem dele, o indivíduo reconstruirá o seu próprio processo de identidade, realizando-se enquanto sujeito social e da linguagem (MOURA, 2014, p. 20).

Vemos, a partir da colocação da autora que o desenvolvimento da linguagem e a interação social relacionam-se de forma a contribuir para a formação do sujeito. Isto posto, notamos que o trabalho para minimizar as barreiras atitudinais e comunicacionais na escola inclusiva precisam ser intensos, de modo a garantir uma representação positiva do surdo e o seu aprendizado e isso só ocorrerá com a divulgação da Língua de Sinais. Goldfeld (2002) indica que esta língua é a única a possível de ser adquirida plenamente pelo surdo e que serve a todas as suas necessidades cognitivas e de comunicação. Segundo a autora, as pessoas surdas adquirem a língua de sinais mais rapidamente do que aprendem a língua oral (ainda que seja na modalidade escrita), sendo a primeira a língua que utilizará para desenvolver o seu sistema conceitual. Entretanto, a pesquisadora não nega que estes conceitos também podem ser construídos na segunda língua, que é o português, fazendo do surdo, um indivíduo bilíngue e bicultural.

No momento que entendemos que o surdo é um indivíduo bilíngue, que se difere da maioria da população pelo uso da Língua de Sinais, mas que precisa desenvolver habilidades comunicativas na Língua Portuguesa escrita, compreendemos que o bilinguismo para surdos é a proposta que atende à estas necessidades individuais e sociais.

O bilinguismo se constitui em uma filosofia educacional que tem como objetivo garantir a condição bilíngue do surdo implicando na possibilidade de utilização da Língua de Sinais (como língua materna) e a Língua Portuguesa (como segunda língua). O pressuposto bilíngue está contemplado na definição de surdez apresentada no Decreto 5.626/2005 e tem como premissa que o surdo deve assumir a surdez, reconhecendo a sua diferença que se baseia no uso da Língua de Sinais e na produção de uma forma de interagir com o mundo, visual, que caracteriza a cultura surda.

Diante do exposto, vemos que a inclusão do surdo deve estar pautada no respeito e na utilização da Língua de Sinais nos espaços educacionais.

LITERATURA EM LIBRAS COMO RECURSO DE RESSIGNIFICAÇÃO DE PRÁTICAS SOCIAIS EPEDAGÓGICAS

Goldfeld (2002, p. 82) evidencia que o conceito de deficiência é cunhado socialmente e que “as crianças surdas não se sentem diferentes, a não ser de

modo imediato, secundário, como resultado de suas experiências sociais”. Estas experiências de diferenciação podem ocorrer no meio familiar, quando percebem que não conseguem se comunicar com seus pais da mesma forma que as demais crianças ou mesmo no ingresso na escola, onde se priorizam as práticas orais auditivas de comunicação. A pesquisadora aponta que a maioria das escolas não utiliza a Libras nas classes com surdos e, por isso, os surdos têm dificuldades em interagir entre si pela Língua de Sinais e o processo ensino e aprendizado formal ainda é mediado através do Português, por docentes que não são usuários da Libras o que dificulta a compreensão dos conteúdos pelos surdos (GOLDFELD, 2002, p. 42 - 43).

Complementando a explicação de Goldfeld (2002), Lodi e Lacerda (2014, p. 15) citando as pesquisas Lacerda (2000) nos mostra que a situação não mudou. As autoras apresentam que apesar de se constituir uma das diretrizes da política inclusiva vigente, a inclusão gradual do surdo na escola regular, nem sempre possibilita o seu aprendizado e isso ocorre pela desvalorização da Língua de Sinais como meio de comunicação. Lodi e Lacerda (2014, p. 15) dizem que:

Acredita-se que a inclusão escolar possibilite a construção de processos linguísticos adequados, de aprendizagem dos conteúdos acadêmicos e uso social da leitura e da escrita. Nesta proposta, o professor medeia e incentiva a construção do conhecimento por meio da interação com ele e com os colegas; porém o fato de o surdo, em geral, não ter uma língua compartilhada com seus colegas e professores, e de estar em desigualdade linguística em sala de aula não é contemplado.

As autoras discorrem ainda que apenas a inserção do intérprete da Libras não é suficiente para que esta desigualdade linguística seja superada e o surdo aprenda os conteúdos. Ainda neste mesmo estudo, as pesquisadoras nos apresentam outra problemática: a de que o surdo inserido em uma classe com ouvintes sente-se impelido a comportar-se como um deles, sendo apagadas questões relativas à constituição da sua identidade e da sua cultura.

Como vemos, a predominância da Língua Portuguesa nas práticas pedagógicas com surdos ainda é grande e implica em fatores como autoestima, interação e aprendizado. Por esta razão, precisamos discutir e incentivar o uso de materiais didáticos produzidos ou interpretados nas classes inclusivas, neste trabalho, apresentamos a Literatura visual como um recurso que pode ampliar o debate sobre estas questões na escola inclusiva, despertando o interesse para as questões linguísticas, interacionais e de aprendizado de forma lúdica.

O QUE É A LITERATURA EM LIBRAS?

Inicialmente precisamos esclarecer sobre o uso do termo Literatura em Libras em detrimento à Literatura Surda. Mesmo sendo utilizado, por alguns autores, como sinônimos, destacamos que, ao passo que a Literatura em Libras nos remete aos textos sinalizados para a Língua de Sinais, caracterizam-se como acervo pertencente

à Literatura Surda as histórias contadas em Língua de Sinais que refletem a identidade e a cultura surda na tessitura de suas narrativas (KARNOPP, 2006).

Schlemper (2017) apresenta como benefícios do uso da literatura, a transmissão da cultura (valores, crenças, costumes e hábitos), ampliação do conhecimento/reflexão sobre determinada temática, a modificação/ampliação da visão de mundo, como também o desenvolvimento da memória e da concentração. Para ela, as atividades mediadas por histórias podem ser utilizadas em diferentes idades, para pessoas que apresentam diferentes níveis de desenvolvimento da linguagem, constituindo-se em uma atividade prazerosa e lúdica. Estes textos possibilitam o trabalho interdisciplinar, sendo indicado para o trabalho com os temas transversais (abordados nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN). Os PCNs apresentam os temas transversais como conceitos e conteúdos a serem trabalhados em todas as áreas do conhecimento, não como um assunto à parte, mas integrado aos conhecimentos das áreas da ética, da pluralidade cultural, do meio ambiente, da saúde, da orientação sexual e os temas locais. Dentre estes temas, trataremos, com maior ênfase, sobre a ética e a pluralidade cultural.

AS HISTÓRIAS EM LIBRAS E A PLURALIDADE CULTURAL

Rosa (2006) é um estudioso da Literatura Surda que já publicou vários livros dentre os quais adaptações de clássicos da literatura infantil para a Língua de Sinais. Estas recriações trouxeram para os contos de fadas a problemática vivenciada pela pessoa surda, em especial, pela dificuldade em manter a comunicação com os demais personagens, que utilizavam a Língua Oral. Schlemper (2017, p. 4) reflete que assim como as histórias são criadas e recriadas através dos tempos e adaptadas às culturas as quais são inseridas, também a comunidade surda usa deste recurso para expressar sua cultura, transmitir seus valores, registrar suas lutas e apreciar um bom momento de prosa.

Abordaremos, nesta sessão, o trabalho com os contos de fadas que são compreendidos como um gênero textual, pertencente ao grupo dos textos do tipo narrativo que se caracterizam como um conto popular no qual o fantástico se apresenta como elemento que causa a ruptura com o real e auxilia na resolução do problema apresentado (OLIVEIRA; CASTRO, 2008).

As duas publicações que trabalharemos neste artigo são a Cinderela e o Patinho Feio, que, na representação de Hessel, Rosa e Karnopp receberam o título de Cinderela Surda, e Patinho Surdo, respectivamente. Estas histórias também dispõem de versões sinalizadas em vídeo que, inicialmente, foram produzidas, divulgadas e distribuídas por meio de CDs (*compact disc*) e DVDs (*digital video disc*) pelo Instituto Nacional de Educação dos Surdos - INES, contudo hoje, tanto a “Cinderela” quanto o “Patinho Feio” encontram-se disponíveis no *site* de compartilhamento de vídeos YouTube.com.

Tanto os textos impressos produzidos por Hessel, Rosa e Karnopp, quanto as histórias traduzidas para a Libras (em vídeo), são construídas na perspectiva da multimodalidade (ou multissemiótica) que Rojo e Moura (2012) conceituam como o uso de muitas linguagens presentes em um único texto.

Rosa (2006) discorre que estes títulos impressos se estruturam a partir de três formas de linguagem, sendo estas, o desenho e duas formas de escrita: em Língua Portuguesa e em Escrita de Sinais. No entanto, verificamos que a versão “Cinderela Surda” já encontra uma tradução em Libras disponível no *site YouTube.com*, criada pelo Sistema Educacional Chaplin, na qual podemos observar a exposição das páginas dos livros de Hessel, Rosa e Karnopp (2003), sem o registro escrito, associada a tradução para a Libras.

Os vídeos em Língua de Sinais que apresentam as histórias Cinderela e o Patinho Feio são formados por narrações em Libras, por diálogos nesta língua nos quais cada sinalizante representa um personagem, pela contextualização da sinalização através de uma imagem, além de dispor de legenda e áudio em Português.

Quando trabalhamos com usuários de línguas diferentes, a introdução de imagens que acompanham ou complementam o texto é importante pois, como afirma Rosa, o desenho favorece o acesso ao conteúdo. Ao trabalhar textos multimodais e que apresentam duas representações linguísticas (Libras e Língua Portuguesa) mostramos aos alunos que os mesmos conteúdos trabalhados na Língua Oral podem ser abordados na Língua de Sinais sem causar prejuízo à compreensão do assunto. Além disso, são relevantes para confrontarmos a ação dos personagens em ambas as versões. Para os ouvintes que, em sua maioria, já ouviram várias versões destas histórias em diferentes suportes, o reconto em Libras relembra as vivências anteriores e abrem a discussão para a criação de um ambiente sinalizado, conforme apresentado no desfecho destas histórias.

Ao trabalhar uma história, precisamos estar atentos a três momentos: a apresentação, a contação e discussão/reflexão. A apresentação da história é o momento no qual o docente/contador ativa os conhecimentos prévios do aluno sobre a temática. Este momento é relevante à medida que, poderá contribuir para o estabelecimento de relações com outros textos e situações vivenciadas. A contação, propriamente dita, é o momento da exposição do texto que, de acordo com a proposta, será sinalizado. Entretanto, ressaltamos que o objetivo da atividade não finda na apresentação do texto em outra língua ou outra modalidade e sim na última etapa apresentada que é a discussão sobre as temáticas relacionadas à ética, a socialização e a pluralidade cultural que estes textos podem oferecer.

A história do Patinho Feio, amplamente conhecida, discorre sobre uma ave que foi rejeitada pela sua família por apresentar fenótipo e comportamento diferentes. Estes conhecimentos precisam ser explicitados na apresentação da história para que a discussão culmine na compreensão de aspectos vivenciados pelos alunos não só em relação ao aluno surdo, como aos demais estudantes que sofrem *bullying* e/ou

sofrem rejeição.

Esta versão é preservada no vídeo produzido pelo INES, diferindo apenas pela contação acontecer em Língua de Sinais e português, sendo esta última língua contemplada nas modalidades oral e escrita. Já o impresso escrito por Hessel, Rosa e Karnopp (2005), a diferença do patinho não reside na aparência, mas no uso da Língua de Sinais.

Karnopp (2008, p. 14) descreve a narrativa como:

O livro “Patinho Surdo” [...] conta a história de um patinho surdo que nasceu em um ninho de ouvintes. Quando encontra patos surdos, aprende com eles a Língua de Sinais da Lagoa e descobre sua história de vida. O texto aborda as diferenças linguísticas (sic.) Na família e na sociedade, além de apresentar a importância do intérprete na comunicação entre surdos e ouvintes. As ilustrações são em preto e branco e há um glossário ao final do livro.

Rosa (2006) diz que o Patinho Surdo narra uma história diferente do Patinho Feio e, para ele, trata-se de uma criação de uma nova história com antigos personagens na perspectiva da intertextualidade, que para Koch (2015) corresponde à criação de um texto a partir de outro preexistente.

Ao trabalhar as diferentes versões da história podemos discutir não só o abandono, como também a relevância do papel do intérprete na formação do surdo, da família, da aceitação e utilização da Língua de Sinais na escola. Vemos assim que a versão impressa abrange outros grupos que compõem a comunidade escolar, pois trata, além dos amigos e da importância da família para a formação da identidade do surdo e o papel dos funcionários para a manutenção da acessibilidade na comunicação e a necessidade de quebra de barreiras atitudinais.

O livro trabalha o direito de participar, mesmo com a diferença, abrangendo os temas transversais “Ética” e “Pluralidade Cultural”. Outra atividade relevante é o glossário ao fim do livro que incentiva o aprendizado da Libras. Como sequência desta atividade, podem ser propostas retextualizações ou recontos da história ou de trechos dela, seja em Libras ou em português, a fim de desenvolver habilidades comunicativas em Língua de Sinais.

A partir do exposto vimos que há materiais que estimulam as discussões e que podem ser utilizados para abordar conteúdos através da Libras considerando que, ainda que o professor não seja usuário proficiente da Libras, ainda haverá o texto em português ao qual ele poderá recorrer.

Na história da Cinderela, destacamos 3 versões: a impressa (HESSEL; ROSA; KARNOPP, 2003) contendo imagem e as escritas em Português e em Língua de Sinais; o vídeo do INES com a o texto em Libras, imagens, escrita e áudio em Português e, por fim, o vídeo disponibilizado pelo Sistema Educacional Chaplin, no *YouTube.com*, com sinalização em Libras e imagens das páginas do livro (nas quais os textos em Libras e em Português foram apagados).

Karnopp (2008, 14) descreve a história como:

uma releitura do clássico **Cinderela** e apresenta aspectos da cultura e identidade surda. O texto está numa versão bilingue (sic.), ou seja, as histórias estão escritas em português e também na escrita da língua de sinais (sign writing). As ilustrações acentuam as expressões faciais e os sinais, destacando elementos que traduzem aspectos da experiência visual. Nesse livro, as ilustrações ocupam uma página e a outra registra a história em sign writing⁵ e na língua portuguesa (grifo da autora).

Nesta história, a Cinderela e o Príncipe são surdos e, na problemática há a referência à perda da luva, no lugar do sapatinho, remetendo a importância da Libras para as pessoas surdas e da expressão visual-gestual. Com este material, atividades como discussão, reconto em Libras, em português e outras atividades podem ser desenvolvidas. Pode-se tratar das características, da estrutura do conto, do espaço, tempo histórico, personagens, enredo dentre outras propostas.

CONCLUSÃO

Através desta pesquisa, identificamos que estes contos favorecem a compreensão do uso de diferentes suportes nos quais o texto pode ser disponibilizado, auxilia na ampliação do repertório cultural da pessoa surda, permite que os ouvintes tenham acesso às versões das histórias (que já são amplamente conhecidas) sendo recontadas na perspectiva dos personagens surdos e que, por sua vez, possibilitam a ampliação das habilidades comunicativas em Libras, pelos ouvintes, e em Língua Portuguesa, pelos surdos.

Acreditamos que o trabalho com as histórias não são a solução para os problemas que os surdos encontram nas escolas inclusivas nas quais a Língua de Sinais ainda ocupa um espaço secundário, no entanto, podem se reverter em estratégias para a conscientização de toda a comunidade escolar para o aprendizado e a utilização deste sistema linguístico no espaço escolar.

Nesta investigação, citamos dois exemplos de histórias e possibilidades de atividades que envolvem a sensibilização para a temática, minimizando as barreiras atitudinais e o trabalho com a Libras, que minimizam as barreiras comunicacionais. Além disso, os temas transversais, Ética e Pluralidade Cultural, são abordados tanto no texto, como podem ser trabalhados nas discussões.

Vemos assim que a Literatura em Libras apresenta muitas possibilidades de inserção e trabalho na escola inclusiva que podem contribuir para mudar a percepção dos alunos sobre a relação com o outro, na perspectiva da solidariedade e da equidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.394** de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 15 abr. 2017.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética/ Secretaria

de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Decreto nº 5.626** de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 15 abr. 2017.

_____. **Lei nº 13.005**, de 24 de junho de 2014. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13005-25-junho-2014-778970-publicacaooriginal-144468-pl.html>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

_____. **Lei nº 13.146**, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 15 abr. 2017.

CARVALHO, R. E. **Educação Inclusiva: com os pingos nos “is”**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2014.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2014.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 2ª ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

HESSEL, C.; ROSA, F. S.; KARNOPP, L. B. **Cinderela surda**. Canoas: Ed. ULBRA, 2003.

INES. Educação de Surdos: Contando Histórias em Libras: Clássicos da Literatura Mundial: **Patinho Feio**. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/infantil/voce-sabia/2012/11/assista-os-contos-infantis-narrados-em-libras>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

_____. Educação de Surdos: Contando Histórias em Libras: Clássicos da Literatura Mundial: **Cinderela Surda**. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/infantil/voce-sabia/2012/11/assista-os-contos-infantis-narrados-em-libras>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

KARNOPP, L. B. **Literatura Surda**. EDT: Educação Temática Digital, v. 7, 2006.

_____. **Literatura Surda**. Florianópolis: CCE/UFSC, 2008.

KOCH, I. V. **Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Contexto, 2015.

LACERDA, C. B. F. **A criança surda e a Língua de Sinais no contexto de uma sala de aula de alunos ouvintes**. São Paulo, 2000. Relatório final do projeto de pesquisa FAPESP.

LODI, A. C. B.; LACERDA, C. B. F. **uma escola, duas línguas: letramento em Língua Portuguesa e em Língua de Sinais nas etapas iniciais de escolarização**. 4ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

MOURA, M. C. Surdez e Linguagem. In LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. **Tenho um aluno surdo, E agora?**: Introdução à Libras e educação do surdo. São Carlos: Edufscar, 2014.

OLIVEIRA, J. B. A.; CASTRO, J. C. J. **Usando textos na escola: tipos e gêneros textuais**. 3ª ed. Brasília: Instituto Alfa e Beto, 2008.

ROJO, R. H. R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROSA, F. S.; KARNOPP, L. B. **Patinho surdo**. Canoas: Ed. ULBRA, 2005.

SCHLEMPER, M. D. S. A importância da Literatura Infantil em Libras no desenvolvimento infantil. **Revista visual de cultura surda**. Rio de Janeiro, n. 20, s/p Janeiro de 2017. Disponível em:< <http://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/3%C2%BA%20Artigo%20de%20Michelle%20Duarte%20da%20Silva%20Schlemper.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-096-4



9 788572 470964